

Imagens reflexas sobre os Encontros de Saberes no ensino superior

Daniel Bitter¹

Wagner Chaves²

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.59374>

Resumo: O texto contextualiza e apresenta os artigos e entrevistas que integram o dossiê "Imagens reflexas sobre os encontros de saberes no ensino superior". Procuramos articular as ricas experiências relatadas nos artigos com algumas categorias de análise mais gerais, tais como "encruzilhada", "oralitura", "confluência", "escrevivência", dentre outras. Pretendemos, assim, contribuir para a reflexão e problematização desse relevante movimento de aproximação entre as universidades e demais instituições de ensino superior com os mestres e mestras dos saberes e fazeres populares e tradicionais.

Palavras-chave: encontro de saberes, ensino superior, universidades, conhecimentos tradicionais

Imágenes reflexivas sobre Encuentros de Saberes en la educación superior

Resumen: El texto contextualiza y presenta los artículos y entrevistas que componen el dossier "Imágenes reflexivas sobre los encuentros de saberes en la educación superior". Intentamos articular las ricas experiencias relatadas en los artículos con algunas categorías de análisis más generales, como "encruzilhada", "oralitura", "confluência", "escrevivência", entre otras. Pretendemos, por tanto, contribuir a la reflexión y problematización de este relevante movimiento de aproximación entre universidades y otras instituciones de educación superior con maestros y maestras de saberes y prácticas populares y tradicionales.

Palabras claves: encuentro de saberes, educación superior, universidades, saberes tradicionales

¹ Daniel Bitter. Doutor em Antropologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ). Professor Associado do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense - UFF e do Programa de Pós-graduação em Cultura em Territorialidade PPCULT-UFF, Brasil. E-mail: danielbitter@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-2080-9926>

² Wagner Chaves. Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ), Brasil. E-mail: wagnerchaves03@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-0479-4445>

Recebido em 28/07/2023, aceito para publicação em 31/07/2023 e disponibilizado online em 01/09/2023.

Reflective images on the Meetings of Knowledge in higher education

Abstract: The text contextualizes and presents the articles and interviews that make up the dossier "Reflective images on the encounters of knowledge in higher education". We tried to articulate the rich experiences reported in the articles with some more general categories of analysis, such as "encruzilhada", "oralitura", "confluência", "escrevivência" among others. We intend, therefore, to contribute to the reflection and problematization of this relevant movement of approximation between universities and other higher education institutions with masters and masters of popular and traditional knowledge and practices.

Keywords: meeting of knowledge, higher education, universities, traditional knowledge

Imagens reflexas sobre os Encontros de Saberes no ensino superior

Um bom modo de iniciar uma apresentação para este dossiê, talvez seja sugerindo que no atual estágio civilizatório em que nos encontramos, marcado por graves crises em múltiplos planos, que parecem se aprofundar a cada dia, não haja outra saída a não ser nos voltarmos com atenção especial para os saberes, conhecimentos, fazeres e modos de vida de longa tradição que se desenvolveram nas margens das modernidades ocidentais. Enfrentamos hoje, como consequência desse projeto civilizatório ocidental, incomensuráveis desigualdades sociais, econômicas, raciais, geopolíticas, talvez sem precedentes. Para além desses e de outros tantos desequilíbrios, assistimos a uma exacerbação acentuada de princípios do individualismo possessivo, com a

financeirização e dessacralização generalizada de quase tudo, com um significativo impacto nas subjetividades existenciais.

A despeito do diagnóstico sombrio dessa paisagem ou deste período que muitos passaram a chamar de antropoceno, é preciso reconhecer que estamos, também, diante de oportunidades importantes de produzir obras e transformações na construção de um mundo menos hostil para toda forma de vida, em que pese aqui, o caráter utópico dessa visão. Um dos horizontes possíveis parece ser exatamente reconhecermos a necessidade de aprendermos com aqueles que souberam desenvolver modos de vida a partir de uma outra ética relacional, mais generosa, que une as pessoas, comunidades, coletivos e seus ambientes e territórios

existenciais. Grupos e coletivos, estes, que tiveram, muitas vezes, de resistir ao poder dos grandes impérios coloniais, reafirmando suas especificidades culturais, às custas de muita luta e suor. Podemos dizer que, fundamentalmente, é urgente que aprendamos com essas comunidades a lidar com o cosmos como um ser vivo e que a vida, - dos rios, das matas, dos astros, das rochas, das pessoas, dos animais, dos espíritos -, é em si mesma, um valor.

Pois, tudo se passa como na bela fabulação de Ailton Krenak (1999) sobre o eterno retorno do encontro, ao sugerir que o contato dos brancos com os povos originários das Américas já havia sido profetizado em narrativas antiquíssimas. Algumas dessas velhas narrativas falam de um outro irmão que havia se afastado do convívio original e que já não se sabia onde e como se encontrava, o que pensava e o que queria. Mas, ao mesmo tempo, são essas mesmas narrativas ancestrais que sugerem o retorno desse irmão como um visitante, já desconhecido. O ponto importante, aqui, é que esse reencontro é frequentemente revivido na forma de um paradoxo: como uma ameaça ou

como uma possibilidade de um convívio pautado no genuíno respeito às diferenças culturais. Segundo Krenak, em sua desventura, os brancos aprenderam muitas coisas, mas se esqueceram de outras tantas, de sua origem, de sua ancestralidade. Talvez tenham perdido, afinal, o sentido de humanidade, a direção de seu futuro. Krenak, portanto, apela para o bom senso sobre o benefício mútuo que uma reformulação desses encontros e aproximações poderia lograr com uma abertura efetiva por parte da sociedade abrangente.

A abertura para vivenciar os encontros, portanto, em alguma medida, requer disponibilidade para se relacionar com a diferença, aceitando seus riscos, encantos e armadilhas. Se, como nos alerta Krenak, o encontro é inevitável e se dá a todo momento, um dos maiores desafios, que certamente perpassa as experiências e reflexões narradas neste dossiê, é como gerar bons encontros. A priori, nada garante que o encontro com a diferença, com o diferente, seja profícuo, equânime e respeitoso. Muito pelo contrário, a história da civilização ocidental é marcada pela dificuldade (e

incapacidade) em se relacionar e pensar a diferença sem reduzi-la a um espelhamento ou projeção de si. O contato com diferentes povos, saberes e culturas foi (e ainda é) motivado e motivador de intolerâncias, silenciamentos e das mais diferentes modalidades de violência.

Pierre Clastres, em um sugestivo texto intitulado "Entre Silêncio e Diálogo" (1968), ao constatar que a doença da civilização ocidental é sua "intolerância diante de civilizações diferentes, sua incapacidade de reconhecer e aceitar o Outro como tal, sua recusa em deixar subsistir aquilo que não lhe é idêntico" (p. 87), formula uma questão que nos parece central: como é possível se estabelecer diálogo com o "outro"? Para ele, um caminho possível é oferecido pela própria antropologia, desde que ela deixe de produzir discursos e julgamentos sobre o "outro" e experimente dialogar, conversar e aprender com o "outro".

Outro caminho possível para pensarmos modos de relacionamento e articulação entre diferenças, é oferecido pelas filosofias religiosas afro-brasileiras, como já havia observado José Carlos Gomes dos

Anjos (2006) em suas reflexões sobre os sentidos e potências das encruzilhadas (ou linhas cruzadas). De acordo com ele, nas cosmologias afro-brasileiras, o território da linha cruzada é onde acontecem os encontros e contatos com a diferença (e com o diferente). As coisas, pessoas, entidades e forças que se cruzam nesses caminhos, todavia, "não se fundem numa unidade, mas seguem como pluralidades".

Marcio Goldman (2021), ao considerar a teoria da linha cruzada, ampliando seu escopo etnográfico para compreender o chamado pensamento afroindígena, diz que ela nos "permite pensar um espaço de agenciamento de diferenças enquanto diferenças, sem a necessidade de pressupor nenhum tipo de síntese ou fusão. As diferenças são aí intensidades que nada têm a ver com uma lógica da assimilação, mas sim com uma organização de forças que não envolve nenhum tipo de escolha binária, mas uma modulação analógica para o estabelecimento de conexões e disjunções múltiplas" (p. 10).

O exercício de pensar o encontro com a diferença sem reduzi-la à lógica da fusão, mistura,

integração ou englobamento também vem norteando as formulações de Nego Bispo (Antonio Bispo dos Santos), lavrador, pensador e liderança quilombola da comunidade Saco do Curtume, em São João do Piauí (PI). Entre as muitas e provocativas reflexões levadas adiante por Bispo, podemos salientar as derivadas da noção de "confluência", que ele compreende não como um conceito (ou categoria) e sim como uma "palavra germinante", viva, cosmológica, reeditável e com trajetória - "confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e - sublinho - nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual" (BISPO DOS SANTOS, 2015, p. 89).

São precisamente esses encontros entre visões de mundo, epistemes, o tema deste dossiê. Aqui abordamos uma variedade de experimentos nessa direção, particularmente no campo do ensino formal superior. A introdução de saberes tradicionais e de seus sujeitos em espaços formais de ensino-aprendizagem, especialmente em países do chamado Terceiro Mundo ou

do Sul Global, onde estes não foram completamente varridos, pode representar um modelo de transformação. Pois é justamente no espaço escolar e universitário que temos a oportunidade de exercitar a imaginação de um mundo melhor, de experimentar, arriscar e promover encontros inusitados, inesperados e fundamentais para o desenvolvimento das pessoas. Se é verdade que as universidades cumprem um papel indispensável e que elas têm nos legado um patrimônio maravilhoso de conhecimentos e técnicas, é necessário, também, fazer a sua crítica e reconhecer que, enquanto instituições coloniais, estas promoveram um processo radical de exclusão de saberes e cosmologias tradicionais.

A situação destas instituições em países periféricos em que a maior parte da população é afro-descendente e/ou indígena, como é o caso do Brasil, é ainda mais crítica, uma vez que, em geral, suas universidades são reproduções fidedignas dos modelos oriundos dos países centrais, todas feitas por brancos para brancos. Talvez seja possível dizer que a construção das

universidades verdadeiramente brasileiras, ainda está em curso, em ritmo lento, mas contínuo e só realmente alcançará esse estatuto com a plena inclusão da diversidade étnica, racial e cultural que caracteriza nossa sociedade, por meio de uma revolução contra-colonial, sem dúvida, já iniciada. Algumas universidades, é claro, aceleraram o passo nessa direção, como é o caso da Universidade Federal do Sul da Bahia que já nasce como uma universidade popular, pluri-epistêmica e enraizada em seu território (TUGNY; GONÇALVES, 2020), sendo apenas um exemplo notável entre outros.

Nesse contexto, foram importantíssimos os movimentos sociais populares que se organizaram a partir da redemocratização do país, lutando pela defesa de direitos fundamentais e pelo reconhecimento do valor patrimonial dos saberes e fazeres das diversas comunidades tradicionais brasileiras, o que se consolidou na forma de lei na Constituição de 1988. A luta pela defesa de ações afirmativas, entre as quais, as cotas de ingresso de negros, indígenas e estudantes de escolas públicas nas universidades, foi um

passo crucial neste processo, promovendo transformações jamais vistas nestas instituições. Todas essas conquistas, é preciso não esquecer, permanecem em constante ameaça de desmonte por parte de forças que poderíamos qualificar de conservadoras. A inclusão de corpos negros e indígenas nas universidades, entretanto, tornou evidente que seria, ainda, necessário promover uma ampla reforma curricular, introduzindo-se os saberes e conhecimentos próprios dos territórios de onde estes estudantes provinham, de modo a tornar as universidades mais inclusivas e diversas.

Dentre essas ações e projetos, vale destacar o movimento iniciado na Universidade de Brasília (UnB) a partir de 2010, no âmbito do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), coordenado pelo Prof. José Jorge de Carvalho e que tem se expandido significativamente para diversas universidades e institutos superiores brasileiros e estrangeiros. Seu objetivo principal é a incorporação de mestres das artes e ofícios dos saberes tradicionais como professores colaboradores em

atividades de ensino e pesquisa, em parceria com docentes das universidades. Iniciativas como esta e outras tantas, vêm também desafiando e provocando a universidade a repensar seus protocolos administrativos de modo a permitir acolher e remunerar mestres e mestras de tradições, contribuindo para a construção de um ambiente acadêmico mais diversificado e inclusivo, em que as práticas orais e vocais, o conhecimento sensível, os afetos, as corporalidades e as espiritualidades ganhem espaço. Percebe-se ainda que os estudantes e professores que tomam parte desses encontros frequentemente passam por uma transformação subjetiva e existencial importante, envolvendo reconhecimentos identitários, de gênero e étnico-raciais.

O Encontro de Saberes, portanto, já tem uma história de pelo menos treze anos de institucionalização. Um balanço desse processo é apresentado por Letícia Vianna no artigo ***Encontro de Saberes: o espírito do tempo e o estado da arte de uma proposta de transformação social***, com o qual abrimos o dossiê. Neste texto a autora

mostra que ao longo da formação e expansão deste movimento, desenvolveu-se uma prática pedagógica original e descolonizadora, assim como uma teoria própria. Vianna sinaliza o potencial transformador e mesmo revolucionário do Encontro de Saberes, num profícuo diálogo com as ideias de Álvaro Garcia Linera. A autora se apoia na perspectiva deste autor sobre a existência de um movimento crescente por parte de diversos coletivos do continente latino-americano, em busca de um destino comum, livre dos efeitos perniciosos do capitalismo tardio que precarizou suas vidas no contexto dos estados nacionais. Para a autora, o Encontro de Saberes compartilha esse espírito revolucionário e libertário, promovendo a inclusão de saberes tradicionais e cosmologias no ensino superior.

Em seguida, José Jorge de Carvalho, desenvolve uma discussão sobre o uso de uma inovadora ferramenta teórico-metodológica para a realização de um diagnóstico epistemológico dos currículos e cursos superiores. No artigo ***Epistemômetro. Uma Metodologia para a Descolonização e Transformação do Currículo das Universidades***

Brasileiras, o autor apresenta os fundamentos do epistemômetro, argumentando que a meta dos currículos universitários brasileiros deveria estar na busca de uma relação mais equilibrada e dialógica entre os conhecimentos ocidentais, indígenas e afro-brasileiros. O artigo apresenta um quadro comparativo das disciplinas e conteúdos já estabelecidos pelo Encontro de Saberes nas universidades brasileiras, o que lança luzes sobre o grande potencial descolonizador dessas iniciativas. Podemos ainda pensar a partir da proposta dessa ferramenta, nas formas como o epistemômetro poderá acompanhar os usos das teorias e dos métodos que compõem os currículos ou como avaliar a tensão política que a inclusão de outras epistemes geram.

O debate sobre inclusão epistêmica e curricularização é, também, tema de outro artigo desta coletânea, **Encontros e desencontros de saberes: culturas populares+, teatro e universidade**, de Alexandra Dumas. O texto analisa os currículos de cursos de Teatro de universidades nordestinas e conclui que há uma predominância de conteúdos e referências europeias e

uma insuficiente inclusão de conteúdos dos universos cênicos afro-brasileiros nos seus currículos. As reflexões e conclusões sugeridas se baseiam na análise da legislação vigente, dos projetos pedagógicos e currículos dos cursos de graduação de onze universidades federais nordestinas (UFRN, UFC, UFMA, UFPI, UFRN, UFC, UFPB, UFPE, UFAL, UFS e UFBA), bem como na trajetória e vivência da autora como pesquisadora e docente universitária.

A relação entre o encontro de saberes e as universidades é plural e, no limite, cada instituição constrói (ou faz germinar) espaços institucionais próprios para o florescimento das sementes. O caso da SuperSaberes (Superintendência de Saberes Tradicionais), fruto de um movimento de articulação das múltiplas iniciativas até então dispersas no âmbito da UFRJ, é descrito por Marcia da Costa, Samira Lima, Eleonora Gabriel e Frank Wilson Roberto no artigo **SuperSaberes - a construção da Superintendência de Saberes Tradicionais na UFRJ**. Resultado de um esforço coletivo de registrar o processo vivo e dinâmico de criação da superintendência, o texto apresenta

os fundamentos epistemológicos da proposta e descreve os percursos históricos das lutas que resultaram na Supersaberes. Ao final, temos um interessante relato da construção coletiva, democrática e participativa de inclusão dos saberes tradicionais nas políticas de pesquisa, ensino e extensão da maior universidade brasileira.

A extensão é uma encruzilhada! A força desse enunciado é desenvolvido no texto ***O “Encontro de Saberes” na encruzilhada da extensão: uma política com a pedagogia dos territórios***, de Lucia Cavalieri, Flávia Salgado e Johnny Alvarez. Fruto de uma experiência imersiva dos(as) estudantes no território Caiçara de Paraty-RJ, o artigo oferece uma contribuição importante ao refletir sobre o processo de curricularização da extensão no ensino superior. As autoras argumentam que a extensão pode tornar-se um instrumento relevante de transformação das universidades através da inclusão de saberes oriundos de territórios tradicionalmente ocupados. Nessa perspectiva, normas, leis, decretos e outros documentos que institucionalizam a extensão como

importante eixo de sustentação das universidades, para além de meras formalidades burocráticas e protocolares, se tornam verdadeiras “brechas” e “dobras” através das quais outras pedagogias, mais próximas dos territórios tradicionais e dos saberes locais, podem ser imaginadas e vivenciadas.

Ainda no âmbito da extensão, merece destaque o artigo de Alexandre Pimentel e Affonso Pereira, intitulado ***Ciclos de formação: a extensão e a formação político pedagógica junto a povos e comunidades tradicionais na experiência do IFRJ Nilópolis***. Trata-se de uma proposta inspirada no “Encontro de Saberes” e que promove encontros com mestres, mestradas e lideranças comunitárias no campus do Instituto Federal do Rio de Janeiro de Nilópolis, localizado na região da Baixada Fluminense. O interessante do projeto é que seu público não se restringe à comunidade acadêmica, mas abrange um amplo e diversificado espectro de sujeitos - agentes públicos, gestores, moradores da região, professores, pesquisadores e estudantes de outras diferentes instituições de ensino - que se

beneficiam do contato e convivência com os mestres das tradições e dos saberes populares e periféricos. A questão das fronteiras bem como os fluxos e passagens que atravessam e conectam os territórios onde acontecem os encontros (e onde está situada a instituição sede), são tematizadas nos ciclos de formação descritos.

Como os textos que integram essa coletânea sugerem, encontros de saberes devem ser necessariamente heterogêneos, polifônicos e dialógicos e visam transformar as universidades e institutos superiores em espaços mais plurais, representativos e democráticos. Tais experimentos vêm tensionando os modelos eurocêntricos de ensino-aprendizagem fortemente alicerçados na atomização do conhecimento, na hipertrofia da escrita, na separação entre corpo e mente, na dicotomização entre sujeito e objeto, na meritocracia, na exclusão da espiritualidade, etc.

Um dos grandes desafios desse dossiê é como representar e comunicar através da escrita, experiências, encontros e trocas multisensoriais e polifônicas propiciadas pela presença de mestres

e mestras em salas de aula. Como transcrever, traduzir, narrar e inscrever vivências que se dão através dos corpos, das falas, escutas, dos cantos, das performances, em um texto escrito? Como animar a escrita com a potência viva dos encontros? Estamos cientes dessa limitação que a escrita nos impõe, mas por isso mesmo, somos instigados a buscar formas criativas de usá-la. Nesse sentido, é sempre bom lembrar que há várias formas de escrita e de literariedade, algumas mais próximas do código da escrita culta, outras, ao contrário, mais próxima das formas literárias populares, do fluxo do discurso cotidiano e, portanto, profundamente marcadas pela comunicação oral.

Nessa direção, vale destacar o modo como o conceito de "oralitura", cunhado pelo haitiano Ernst Mirville, foi apropriado pelos escritores das Antilhas, nos anos 1980, para criar um espaço para a produção de literatura local e tradicional, a partir do *créole*, falado pela população afro-descendente. No caso das Antilhas, houve um importante movimento, a partir dos anos 1930, de valorização do *créole*, que havia sido apagado e silenciado frente ao francês, a língua

do colonizador. Para estes escritores interessava o problema da relação entre o oral e o escrito e a perspectiva de que a criouldade abria uma perspectiva inteiramente nova “de fazer literatura, de escrever a história e suas variações, executar o papel de criador de novos termos e grafias (SANTOS, 2011, p. 6)”.

Leda Martins, por sua vez, nota que não há culturas ágrafas, no sentido em que todas elas elaboram algum tipo de inscrição, nem sempre na forma de livros, mas muitas vezes, através de performances rituais, por exemplo. Para a autora a noção de “oralitura” tem um sentido singular. Sobre este conceito ela escreve, “A oralitura é do âmbito da performance, sua âncora; uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou nos volejos do corpo (2003, p.77)”.

Outra noção que repercute em algumas discussões desenvolvidas neste dossiê, é a noção de “escrevivência” elaborada pela escritora Conceição Evaristo (2009). A autora sinaliza a importância de se perceber que a escrita deve estar imbricada com a vida e que isso é particularmente importante para as

categorias sociais e culturais historicamente subalternizadas, como os sujeitos negros e negras. A autora clama pela criação de uma literatura negra singularizada pelas experiências subjetivas e memórias destes sujeitos e que venha confrontar a literatura produzida pela cultura hegemônica de matriz européia.

Estas questões e inquietações reverberam em diversos textos que compõem este dossiê e permitem refletir sobre este tema tão importante, a partir de algumas destas noções brevemente discutidas acima. Desse modo, em ***A vida acontece no encontro com o outro. diários da experiência pedagógica dos encontros de saberes***, Elaine Monteiro, Daniel Bitter, Edilberto Fonseca, Andressa Figueira, Gabriela Pimenta e Milena Pereira, exploram a experiência do Encontro de Saberes realizada na Universidade Federal Fluminense, a partir da organização e oferta de uma disciplina intitulada Saberes Negros e Indígenas, em 2022. O texto focaliza, particularmente, o que chamam de “pedagogia do encontro”, observando o modo como o(a)s estudantes são afetados no contato com mestres e mestras e seus

saberes. O aspecto inovador do artigo está em sua tentativa de produzir um texto polifônico, através dos relatos registrados por estudantes em diários pessoais elaborados durante o curso, como parte do processo de avaliação, sob inspiração da prática pedagógica libertária de bell hooks (2013) e do método da pesquisa-ação de Orlando Fals-Borda (2015). O resultado é um interessante experimento em que a noção moderna de autoria é questionada e em que, escrita, oralidade e literariedade se imbricam, através de um emaranhado de vozes e enunciados de grande poder de expressão sobre as transformações subjetivas vividas a partir da pedagogia dos encontros.

A abertura e disponibilidade para a convivência entre mundos, bem como para a experimentação com a escrita, também está presente no artigo *Ape tipo ijoja ñande ñe'ê. Aqui colocamos juntas nossas palavras*, de Luciana de Oliveira, Genito Gomes e Jhonn Gomes, fruto de uma colaboração e convivência duradoura entre duas lideranças indígenas do povo Kaiowá do Mato Grosso do Sul e uma professora universitária. O diálogo e a multivocalidade, nesse

caso, se dá através de um experimento que articula oralidade, escrita, som, imagem, poética, performance, política e resistência. O resultado é um texto polifônico, com ritmo, sonoridade e cadência que o aproxima da palavra falada, cantada e rezada. A aproximação entre as falas indígenas e não indígenas e o desejo mútuo de comunicação, diálogo e convivência intermundos é o que permite, na aceção dos autores, inspirados nas ideias de Nego Bispo, às diferentes palavras, estarem juntas sem, todavia, se misturarem.

Outra contribuição relevante nessa direção é apresentada por Samira Lima, Eliana Ribeiro, Geraldo Bastos, Margareth Pontes, Itamara de Almeida Santos e Janete Baptista do Nascimento no artigo *Ciranda de saberes e cuidados: Rabiscos sobre os Saberes Tradicionais nos cuidados com o corpo potente da Universidade*. O texto é resultado de reflexões desenvolvidas pelo comitê organizador do encontro pluri-epistêmico "Ciranda de Saberes e Cuidados" promovido no âmbito do Programa EICOS, de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, do Instituto de Psicologia da Universidade

Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no ano de 2022. Trata-se de uma experiência genuína de Encontro de Saberes propiciada pela participação de mestres e mestras de tradições, detentores de conhecimentos no campo da saúde e do cuidado. O artigo apresenta um bom exemplo dos processos de ampliação cognitiva e vivencial na universidade, num processo de trazer para dentro o "outro" e assim transformar o nós. Quando há o encontro, a confluência, o que se gera? Novas escritas, vivências e trocas. Os autores, através da noção de "rabiscos aos do outro lado" estão, aqui, preocupados em apresentar uma experiência-conhecimento produzida de forma colaborativa, comunitária, multi-vocal, envolvendo não apenas as pessoas, mas também, os animais, plantas, os astros, as águas, o tempo e as entidades espirituais.

As potencialidades e riscos dos encontros entre saberes são abordadas no artigo ***Lá nas matas tem: a experiência de criação compartilhada de cenas filmicas com mestras e mestres dos Saberes Tradicionais na UFMG*** de César Guimarães, Pedro Aspahan e André

Brasil. O artigo relata a experiência colaborativa de construção de uma narrativa fílmica a partir de determinadas performances afro-brasileiras. A construção das performances e dos registros foram pensados e realizados junto com os mestres e mestras, em um processo colaborativo e dialógico que, como sublinham os autores, esteve sempre aberto aos imponderáveis e negociações, atravessado por perigos, riscos e mistérios. O exercício de filmar as performances, criadas especialmente com esse propósito, aconteceu em um espaço liminar (de fronteira) no campus universitário - a mata pertencente à estação ecológica da UFMG. O resultado é um texto autorreflexivo, que problematiza as diferentes vozes, perspectivas, agenciamentos e desejos postos em cena durante as situações (performances) de gravação.

Nessa direção, outra colaboração relevante é o artigo ***Educando com mel e dendê: saberes dos terreiros, crianças e educação antirracista*** de Paula Ferreira dos Reis e Elaine Monteiro. O texto é um desdobramento de um trabalho de conclusão de curso de

graduação em Pedagogia realizado na UFF, como resultado de uma efetiva colaboração entre orientanda e orientadora. As autoras discutem uma variedade de questões relativas ao racismo em contextos educacionais, focalizando o terreiro de candomblé como espaço de educação, formação e fortalecimento de identidades de pessoas negras. Paula, uma mulher preta de Oxum, estabelece um generoso diálogo com a mãe de santo Rosiane Rodrigues de Yemanjá, cujo discurso, em torno dos saberes de terreiro, é incorporado ao texto, na forma de uma voz ativa, resultando numa narrativa plenamente dialógica e polifônica.

Finalizamos o dossiê com duas entrevistas. A primeira, ***A propósito de um encontro de saberes na UFPB***, com Cacique Caboquinho (Antônio Pessoa Gomes), realizada em março de 2023 na Aldeia Forte, Terra Indígena Potiguara - PB, por Oswaldo Giovannini Junior, professor da UFPB. Caboquinho e Oswaldo construíram uma relação de confiança e parceria no contexto do desenvolvimento de uma pesquisa sobre a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, envolvendo a

comunidade e a UFPB. A conversa trata de questões envolvendo a militância política de Caboquinho, seu percurso biográfico, conhecimentos tradicionais, ancestralidade, espiritualidade sua vivência no movimento indígena e seu trânsito pela academia, onde obteve uma formação superior na Universidade Federal de Campina Grande, sendo, ainda, laureado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal da Paraíba em 2016. Giovannini propõe pensar este trânsito entre saberes tradicionais, o movimento indígena nordestino e a academia como um encontro de saberes, em sentido amplo.

A entrevista com José Jorge de Carvalho intitulada ***Por uma Outra Universidade***, foi escolhida para encerrar o dossiê. Foi realizada em 2014, num momento em que a política de cotas para estudantes das escolas públicas, negros e indígenas nas universidades federais brasileiras se consolidava, reconhecendo-se o papel fundamental que teve o Coordenador do Instituto Nacional de Ciência, Tecnologia e Inclusão no Ensino Superior - INCTI/UnB/CNPq, José

Jorge de Carvalho e de Rita Segato que o acompanhou.

Nesta icônica entrevista, Carvalho, que é professor do departamento de Antropologia da UnB, descortina alguns marcos, ideias e conceitos que o moveram e aos seus vários parceiros, no sentido de pensar e implementar uma política de cotas epistêmicas nas universidades brasileiras, que resultaria no Encontro de Saberes. Aspectos de sua trajetória biográfica são explorados e dão relevo à sua rica experiência de pesquisador de campo, à sua profunda erudição sobre diversas tradições culturais não exclusivamente ocidentais e ao seu agudo senso de justiça. É particularmente elucidativa a convivência que Carvalho teve com John Blacking, seu orientador, em Belfast e que marcou profundamente sua percepção do racismo nas universidades brasileiras. Blacking, vale notar, foi um etnomusicólogo engajado na luta antiapartheid na África do Sul. O texto é, por fim, uma longa trama de ideias e reflexões sofisticadas sobre transdisciplinaridade, espiritualidade, racismo acadêmico, sensibilidade, estudos culturais e folclore, oralidade,

entre tantos outros, tão fundamentais para a construção de universidades mais diversas e inclusivas.

Esperamos que esse dossiê possa contribuir para o compartilhamento de reflexões e experiências fecundas em torno de pedagogias dialógicas mais inter e transdisciplinares, e para que o cuidado e o respeito pela diversidade seja uma base ética para a formulação de novas veredas nas práticas de pesquisa, extensão e ensino das universidades.

Referências

ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Território da Linha Cruzada: a Cosmopolítica Afro- -Brasileira*. Porto Alegre: UFRGS. 2006.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *Colonização, Quilombos: Modos e Significados*. Brasília: INCTI. 2015.

CLASTRES, Pierre. Entre silêncio e diálogo. In: *Lévi-Strauss - L'Arc Documentos*. São Paulo: Ed. Documentos, 1968. p. 87-90.

DORNELES, Dandara. Palavras germinantes: entrevista com Nego Bispo. *Identidade*, v. 26, n. 1-2, p. 14-26, 2021.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-

brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2o sem. 2009.

FALS BORDA, Orlando. *Una sociología sentipensante para América Latina*. México, D. F. : Siglo XXI Editores ; Buenos Aires : CLACSO, 2015.

GOLDMAN, Marcio. 'Nada é igual': variações sobre a relação afroindígena. *Mana - Estudos de Antropologia Social*, v. 27, n. 2, p. 1-39, 2021.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontr". In: NOVAES, Adauto (org.). *A Outra Margem do Ocidente*. São

Paulo: Companhia das Letras, 1999. p 23-32.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*,v. (26, p. 63–81, 2003.

SANTOS, Margarete Nascimento dos. Entre o oral e o escrito: a criação de uma oralitura. *BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras*, n.1, dez. 2011.

TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES, Gustavo. *Universidade popular e encontro de saberes*. Salvador : EDUFBA; Brasília : Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2020.